

VOLTANDO PARA CASA

David Redding

Eu me lembro de quando voltei para casa após servir na Marinha pela primeira vez, durante a Segunda Guerra Mundial. Nossa casa ficava tão afastada que, para caçar, tínhamos que ir para mais perto da cidade.

Por causa da saúde de papai, mudamos para lá. Eu tinha 13 anos.

Comecei a criar um pequeno rebanho de ovelhas Shropshire, aquelas totalmente cobertas de lã, com patas e focinho pretos.

Meu pai ajudava no nascimento dos cordeiros. Eu era capaz de distinguir uma ovelha da outra a qualquer distância, sem dificuldade.

Eu tinha um belo carneiro. Nosso vizinho, um pobre homem que tinha um lindo cachorro e um pequeno rebanho, queria aumentar seu rebanho com meu carneiro. Perguntou-me se eu poderia emprestar-lhe o carneiro; em troca, eu poderia escolher um filhote da ninhada de seu cachorro premiado.

Foi assim que ganhei Teddy, um grande cão pastor preto.

Teddy era meu cachorro e fazia qualquer coisa por mim. Ele me esperava chegar da escola, dormia a meu lado e, ao ouvir meu assobio, corria em minha direção, mesmo que estivesse comendo sua ração. À noite, ninguém se aproximava da casa sem a permissão de Teddy.

Durante os longos verões no campo, via minha família só à noite; mas Teddy ficava comigo o dia todo.

Quando fui convocado para a guerra, não sabia como faria para deixá-lo. Como explicar a alguém a quem se ama que você vai partir e que não caçara mais marmotas com ele?

Voltar para casa, pela primeira vez, tinha um significado especial para mim. O último ponto de ônibus ficava a aproximadamente 22 quilômetros de minha casa. Desci do ônibus por volta das 11 horas da noite e fui a pé para casa. Perto das duas ou três horas da manhã, eu já estava a alguns metros de casa. Estava escuro como breu, mas eu conhecia cada trecho do caminho. De repente, Teddy ouviu meus passos e começou a latir. Assobiei uma vez. O latido parou. Em seguida, ouvi um uivo de reconhecimento e sabia que uma coisa preta estava correndo em minha direção na escuridão. Logo Teddy estava em meus braços. Essa foi a melhor expressão do que significou para mim voltar para casa. O fato de Teddy não ter se esquecido de mim, lembra-me de meu Deus. Se meu cachorro, sem nenhuma explicação, continuou me amando e recebeu-me depois de tanto tempo fora, Deus não faria o mesmo?